

RAÇA, SEXO E CULTURA **[RACE, SEX AND CULTURE]**

Susana de CASTRO

Professora de Filosofia do departamento de filosofia da
UFRJ.

E-mail: susanadec@gmail.com

RESUMO:

A indústria cultural produz corpos dóceis para o sistema capitalista, racista e imperialista. Neste trabalho, com a ajuda de textos de bell hooks, Paul Preciado, Lélia Gonzales e Sueli Carneiro, mostraremos de que maneira a submissão de raça e gênero continuam sendo fatores preponderantes para o funcionamento do capitalismo global imperialista e supremacista branco.

Palavras-chave: racismo; indústria cultural; sexo; tecnologia;

ABSTRACT:

The cultural industry produces docile bodies for the capitalist, racist, and imperialist system. In this paper, with the help of texts by bell hooks, Paul Preciado, Lélia Gonzales and Sueli Carneiro, we show how the submission of race and gender continue to be preponderant factors for the functioning of imperialist and white supremacist global capitalism.

Keywords: racism; cultural industry; gender; technology;

A escravidão não é uma estrutura jurídica já superada,
mas é como uma lógica que ainda determina
o valor da vida negra, violência econômica e acumulação de capital.

(Saidiya Hartman)

A escravidão nas Américas representou a primeira etapa do capitalismo (PRECIADO, 2018). Graças à exploração da mão de obra escrava, indígena e africana, ocorreu a acumulação primitiva de capital, necessária à segunda etapa do capitalismo, a industrial. O surgimento do capitalismo fordista trouxe o fim da escravidão nas Américas porque o capitalista entendeu que a máquina e o salário baixo trariam o lucro ao capitalista da mesma forma que a mão de obra escrava. Além disso, o mercado consumidor dos produtos industriais seria fomentado com a transformação do trabalhador escravo em trabalhador assalariado.



À época da escravidão, justificou-se a privação da liberdade de homens e mulheres não europeus através de argumentos eugenistas. Os homens e mulheres não brancos seriam ‘primitivos’, ‘selvagens’, ‘não civilizados’, ou seja, menos humanos que os europeus, com comportamentos e atitudes ‘animais’, como a voracidade sexual e a mentalidade infantil. O fim da escravidão não representou, porém, o fim da ideologia supremacista branca; ela permaneceu entranhada na cultura legitimando de certa forma as desigualdades sociais e de direitos entre pessoas brancas, ou embranquecidas, e pessoas não brancas, negras, pardas, mestiças.

A indústria cultural em países como Brasil e EUA, ex-colônias europeias, constitui um dispositivo importante de manutenção da ideologia supremacista branca-europeia. No caso do Brasil é evidente a reprodução da representação da branquitude como se fosse hegemônica, na mídia. Considerando que no Brasil, mais da metade da população é negra, e/ou mestiça, causa estranheza a baixíssima presença de corpos não brancos na mídia. A televisão, por exemplo, não espelha, de maneira geral, a configuração racial da população brasileira. Novelas, publicidade, programas de auditório, telejornais ainda são apresentados por pessoas brancas. Se olharmos a mídia impressa, encontraremos uma situação semelhante, com poucos formadores de opinião não brancos.

Como mostram hooks (2019) e Carneiro (2021), a imposição de um padrão de beleza hegemônico branco e a estereotipação de pessoas não brancas (como ‘engraçadas’ e ‘femininas’, no caso dos homens; ou ‘sensuais’ e ‘maternais’, no caso das mulheres), são dois alicerces fundamentais de controle e opressão da população negra. Outro dispositivo de controle é o da apropriação cultural, comum tanto à realidade americana quanto à brasileira (GONZALEZ, 2020; hooks, 2019).

De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc. e tal. Só que na hora de mostrar o que eles chamam de “coisas nossas”, é um tal de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí fora. (GONZALEZ, 2020, p. 116).

Em 1999, a Rede Globo de televisão transmitiu nacionalmente uma minissérie que narrava a história da vida da pianista e compositora negra Chiquinha Gonzaga, filha de uma escrava alforriada e de um marechal do exército do Império brasileira. A atriz que a interpretou, entretanto, era uma atriz branca. Essa escolha não é aleatória, ao contrário,



mostra como a branquitude brasileira apropria-se da cultura negra. Algo semelhante ocorre nos EUA quando músicos pops brancos se utilizam do visual e da dança negros em suas performances. Para hooks, essa apropriação indébita representa a comodificação da negritude, o seu tratamento como uma mercadoria (hooks, 2019).

No entendimento de Paul Preciado (2018), depois da segunda Guerra Mundial, o capitalismo e o sistema político sofreram uma mudança. Além de manterem o biopoder disciplinar, no sentido foucaultiano, de controle da vida da população, seus hábitos sexuais, com vista a manutenção de um padrão normativo de sexualidade calcado na reprodução, o capitalismo e a política liberal contemporâneas entenderam que poderiam lucrar com o que Preciado chama de 'capital sexual', isto é, a produção de orgasmo.

O controle do sexo e da reprodução não são mais fatores centrais da biopolítica, agora a biopolítica apresenta traços pós-disciplinares, ou, nos termos de Preciado, farmacopornográficos. Com a invenção da indústria pornográfica, a partir da criação da revista playboy, e da invenção da pílula anticoncepcional, o capitalista descobriu que poderia lucrar muito mais com ideias do que com produtos. Em outras palavras, não se tratava mais de comercializar produtos para consumo, mas, sim, ideias para consumo, fantasias para o gozo. Trata-se, então, de um capitalismo 'ejaculatório,' cujo alvo é a produção instantânea e repetitiva de prazer, de forma compulsória, seja por meio de drogas sintéticas, seja por meio da indústria do sexo e da pornografia. Acabou o efeito da droga, compra-se outra; ejaculou, o fim foi atingido, 'compra-se' nova imagem pornográfica para uma nova masturbação. A grande questão é: quem ejacula e de quem são os corpos que produzem a ejaculação. Aqui, como antes, no período da escravidão e da indústria, os corpos desprovidos de proteção jurídica, os não cidadãos, os sem papéis, os imigrantes, os pobres do terceiro mundo, as crianças tornaram-se em corpos comercializáveis como *potentia gaudendi*, isto é, como capacidade de produzir o gozo. Podemos dizer que a nova modalidade de poder-saber, o biopoder farmacopornográfico do capitalismo contemporâneo é um filho do biopoder da era industrial na medida em que tanto então como agora, trata-se de um poder que age no controle e na produção da subjetividade. Se no período analisado por Foucault o saber servia como mecanismo de discurso e de controle da subjetividade do homem e da mulher modernos, agora além do discurso científico, temos a tecnologia e a mídia.



Preciado e hooks são intelectuais comprometidos com a análise crítica da mídia global-planetária. Ambos sabem que a presença ubíqua da cultura de massa nos lares através dos programas de televisão, das séries, dos filmes, sua presença nos cinemas e teatros, difunde de maneira imperiosa padrões de beleza, de comportamento, com o fito de estimular tanto a criação de hábitos de consumo, quanto difundir certos modelos de subjetividade. Por um lado, como aponta hooks, o padrão moral e de beleza supremacista branco é tão difundido pela indústria cultural que quem não segue esse padrão se sente inferiorizado, e busca a qualquer custo o reproduzir para ser aceito como alguém que merece ser tratado com respeito e dignidade¹. Por outro lado, a indústria cultural trabalha ao lado do capitalismo farmacopornográfico no controle das subjetividades através da produção do desejo. Difícil determinar quem veio primeiro o homem com disfunção erétil em busca de ereção ou o viagra, os hormônios sintéticos ou a transexualidade, o deprimido ou o prozac, o fato é que hoje há inúmeras subjetividades controladas pelos medicamentos, cuja sua existência só se realiza enquanto agente na medida em que possui um suporte medicamentoso. Não podemos falar mais de uma vida nua, mas de uma tecnovida (PRECIADO, 2018).



Se olharmos para a pornografia vendida na Europa e nos EUA, veremos que há uma narrativa neocolonial em jogo. Os corpos racializados de homens e mulheres marrons são comercializados na indústria do sexo e da pornografia como aqueles capazes de suscitar a imaginação e o desejo do homem branco ocidental. Sofrendo de uma incapacidade generalizante de sentir prazer, o homem branco burguês, é estimulado pela mídia capitalista, a desejar o exótico, o primitivo (hooks, 2019). O turismo sexual no Brasil é uma amostra clara desse fetiche com o corpo de mulher negra, mestiça. O Nordeste recebe ao longo do ano um enorme contingente de homens brancos europeus em busca de prazer sexual. Quando entrevistados, falam que a mulher brasileira é exótica, carinhosa, mas, aqui, o motor da prostituição é a vulnerabilidade econômica e a falta de perspectiva, que leva muitas mulheres e adolescentes a se prostituírem, e a sonharem em encontrar aquele príncipe encantado que se casará com elas e as levará para a Europa (PISCITELLI, 1996). O capitalismo farmacopornográfico percebe que o homem branco de meia idade sofre de uma incapacidade crônica de sentir prazer, por isso é uma presa fácil de todos os

¹ Lélia Gonzalez chama o mito da superioridade de superioridade branca à ideologia do branqueamento: "(...), o desejo de embranquecer (de 'limpar o sangue' como se diz no Brasil) é internalizado com a negação da própria raça, da própria cultura." ("Por um feminismo afrolatinoamericano", 2020).

estimulantes. Para bell hooks, a crise do homem branco é sinal da própria crise do capitalismo.

Massas de jovens insatisfeitos com o imperialismo dos Estados Unidos, com o desemprego, com a falta de oportunidade econômicas. Sofrendo da doença pós-moderna da alienação, sem senso de origens e base, sem identidade redentora, podem ser manipulados por estratégias que oferecem Outridade como apaziguamento. (hooks, 2019, p. 70)

Ao invés de apresentar a diversidade de povos e origens dentro do seu histórico de luta, as mulheres e homens marrons são apresentados pela Indústria Cultural capitalista como reservatório de experiências exóticas, primitivas, capazes de transformar aquele ou aquela que entram em contato com um de seus membros. A produção de um imaginário colonialista em torno do Outro, dos habitantes de terras 'exóticas', é reencenada no contexto do capitalismo farmacopornográfico a fim de se obter lucro com a venda de potência de orgasmo (*potentia gaudendi*). Sem o mito em torno do exótico, acrescido da venda de todos os estimulantes, talvez o consumidor branco não conseguisse consumir o sexo sem perder o seu status quo. A ideia, entretanto, por trás, por exemplo, do turismo sexual, é que o homem branco possa ter dias e semanas de orgasmos com a menina cearense e depois voltar para casa ileso, sem perder seu status de ser superior, porque branco e porque europeu. Os relatos de brasileiras que acabaram indo morar na Europa com seus namorados europeus, alemães, suíços, italianos, é a de que ao chegar lá ou eles se tornam maridos violentos ou as obrigam a trabalhar em bordéis (PISCITELLI, 1996). Não há, portanto, da parte do consumidor de sexo qualquer ilusão quanto a condição de inferiorizada que a mulher do país exótico, seja este país, Tailândia ou Brasil, possui diante dele.

A cultura de massa capitalista tem um papel fundamental na construção de um imaginário segundo o qual a diferença racial implica em um prazer a ser descoberto. A negra, a asiática, a indígena, guardam segredos sobre sexo que o jovem norte americano precisa 'descobrir' para ter uma experiência transformadora (hooks, 2019, p. 63, p.68). É mais do que óbvio para qualquer um que não há nada de especialmente diferente entre as formas de relacionamento sexuais das raças. Os negros, assim como os indígenas e os brancos são seres em busca do prazer sexual com o outro. Mas o ocidente não pode aceitar essa igualdade, precisa tornar o não branco um ser exótico e cheio de mistérios do ponto de vista da cultura e da sexualidade a fim de justificar a sua Outridade, isto é, a fim de



justificar a comercialização dessa Outridade no mercado do sexo e da cultura (hooks, 2019, p. 79).

bell hooks chama a atenção para o perigo da sedução que a indústria cultural exerce sobre a produção cultural negra norte-americana, despolitizando-a. Enquanto na vida 'real' os corpos negros são as maiores vítimas da violência policial e patriarcal, na indústria de entretenimento como o rap e o funk, as mulheres e os homens negros são apresentados como empoderados por uma sexualidade ativa e violenta (hooks, 2019, p.84-85).

Autoras como bell hooks, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro nos mostram o quanto a cultura de massa é ideológica e o quanto a produção de cultura de resistência e de crítica é um ato político. Tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos, a cultura negra e indígena possuem um papel cultural e político determinante. Porque a mídia de massa e o currículo escolar se negam sistematicamente a reconhecer seja o papel de produtor de cultura das pessoas negras e indígenas, seja mesmo a história do povo negro e indígena, isso não significa que tenhamos que aceitar a história oficial como a única capaz de produzir uma identidade nacional. Como mostra Lélia Gonzalez, o erro já começa na geografia, ao intitularmos nosso subcontinente como América Latina e não AméfricaLadina. Em mais de trezentos anos de escravidão negra, o país foi profundamente marcado pela existência negra. Essa presença está na música, na religiosidade, na culinária, no falar. Admitir que somos frutos de uma cultura Amefricanica significa também o reconhecimento da experiência local de resistência e luta contra o colonialismo europeu.



Conclusão

Mesmo reconhecendo que os americanos são socializados através de uma indústria cultural racista e imperialista, e que o sistema educacional norte-americano reproduz os valores do supremacismo branco, suprimindo da história e da cultura norte-americana a importância dos negros e nativos, bell hooks deixa claro tanto que cada um é responsável pela sua libertação, pela sua desalienação, pela rejeição dos valores racistas embutidos nas representações estereotipadas das pessoas negras e nativas (2019, p. 38). Além disso, mostra o quanto que a história das pessoas negras está intrinsecamente ligada a história ocidental, de tal modo que não há uma resistência ao racismo que possa significar a negação desse encontro entre as raízes culturais negras e brancas (hooks, 2019, p. 81).

Tanto o negro deve se desalienar, quanto o homem e a mulher branca também devem se desfazer dos valores e ideias do supremacismo branco (hooks, 2019, p.74).

Para Preciado, o controle do Estado, da ciência, da tecnologia e da Indústria cultural sobre a vida e a subjetividade na atual era farmacopornográfica é avassalador, nos deixando pouca margem de manobra que não seja o rompimento não do uso das drogas, mas sim dos protocolos médicos que guiam seu uso. Devemos usar as drogas sintéticas a nosso favor para que produzam as experiências que queremos e que controlamos, e não deixar o controle dessas experiências na mão do médico ou do dono da indústria farmacêutica.

Referências:

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Jandaíra, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo Afrolatinoamericano*. Organização; Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. *Olhares negros, raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

PISCITELLI, Adriana. “Sexo tropical”; comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira”. In: *Pagu -Núcleo de Estudos de Gênero*, n.6, v. 7, 1996.

PRECIADO, Paul. B. *Texto Junkie – sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2018.



CASTRO, Susana de. RAÇA, SEXO E CULTURA. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22013, p. 01-07.

Recebido: 04/2022
Aprovado: 05/2022

